

A DEFINIÇÃO DO **Cristianismo**

DAVID GOODING & JOHN LENNOX



Site da Ciência e da Fé Cristã

Visite o site do Professor John Lennox (JohnLennox.org), no qual você irá encontrar apresentações e debates em vídeo sobre o tema “Ciência e a Fé Cristã”.

A Definição do Cristianismo

David Gooding
&
John Lennox

A Verdade
2016

A Definição do Cristianismo

Originalmente publicado em 1992, como uma série de artigos no jornal russo *Literaturnaya Gazeta*.

Original em inglês: The Definition of Christianity,

Copyright © The Myrtlefield Trust, 1997.

Todos os direitos reservados.

Tradução em português: Copyright © The Myrtlefield Trust, 2014. Todos os direitos reservados.

Para outras publicações dos Professores Gooding e Lennox, por favor visite o site: www.keybibleconcepts.org

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil.

Traduzido por Sabrina Lopes Furtado

Publicado em português com a devida autorização por:

A Verdade

www.editoraverdade.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G646d Gooding, David
A definição do cristianismo / David Gooding, John Lennox ; traduzido por Sabrina Lopes Furtado. -- Porto Alegre : Verdade, 2014.

124p. : 12,0 cm x 19 cm

ISBN 978-85-64006-20-1

1. Cristianismo -- Igreja. 2. Evangelho. 3. Filósofos. I. Lopes Furtado, Sabrina. II. Gooding David. III. Lennox, John. IV. Título.

CDU 27-14

Bibliotecária responsável: Raquel Moura Pohlmann CRB/10-2301

Sumário

1. A Verdadeira Revolução	7
2. A Definição Primária	17
3. O Defeito Fatal do Mundo	27
4. Um Choque de Cosmovisões	35
5. Martírio ou Fanatismo?.	43
6. Magia e o Evangelho.	51
7. O Verdadeiro Significado de Conversão.	59
8. O Verdadeiro Internacionalismo	67
9. A Luta contra a Opressão Religiosa.	77
10. A Inviolabilidade da Personalidade Humana.	87
11. Cristo entre os Filósofos	97
12. Cristianismo e o Direito do Livre Discurso.	107
<i>Estudo Adicional</i>	119

1

A Verdadeira Revolução

Certa vez, perguntaram ao famoso filósofo e estadista indiano, Mahatma Gandhi, por que ele não se juntou à igreja cristã. Ele respondeu: “Qual delas?” Inegavelmente, de um ponto de vista mundial, a cristandade moderna apresenta uma imagem muito imprecisa e causadora de confusão.

Isso acontece por uma série de motivos: primeiramente, no decurso da história, muitos acréscimos supersticiosos foram reunidos sobre o cristianismo como cracas no casco de um navio – por vezes, tantos, que ameaçavam afundar tudo sob o desdém de pessoas atentas.

O outro motivo é mais sério – afinal, um observador perspicaz pode facilmente distinguir um navio de uma craca! É muito mais difícil para aquele que está de fora distinguir o cristianismo original, histórico, dos diversos desenvolvimentos, na doutrina e na prática, que tomaram lugar na cristandade ao longo dos séculos. Isso é lamentável, pois eles geralmente

obscurcem os fatos básicos originais e imutáveis que constituem o âmago e a essência permanentes do cristianismo.

Afinal de contas, o cristianismo não é essencialmente um sistema de moralidade (como o confucionismo) que precisa ser adaptado ao padrão inconstante dos séculos ou, então, se tornar antiquado. Nem é um sistema de verdades filosóficas universais e abstratas, cuja validade é independente dos pensadores que as perceberam primeiro. Nem é como muitas das religiões pagãs eram: um sistema de rituais cuja efetividade depende de sua correta execução.

Como Paulo, porta-voz da igreja primitiva, assegurou, o cristianismo é a boa nova a respeito de uma pessoa histórica, Jesus Cristo de Nazaré, que, do lado humano, nasceu da descendência real de Davi e demonstrou ser Filho de Deus em poder por sua ressurreição dentre os mortos (Romanos 1:1-4). Jesus Cristo é em si próprio a boa nova: sua pessoa, sua vida – o que fez, ensinou e declarou – sua morte – o que ela realizou –, e sua ressurreição, que demonstraram que suas afirmações eram verdadeiras. Esses fatos históricos são o âmago do evangelho cristão, e o Novo Testamento é o registro deles e de suas implicações.

De todos os autores do Novo Testamento, o maior gênio literário e histórico é, indubitavelmente, Lucas, o autor do Evangelho que leva seu nome e do volume que o acompanha, o Atos dos Apóstolos. Renan, que teve pouca simpatia com os conteúdos do Evangelho de Lucas, descreveu-o como “o livro mais lindo do mundo”; e Atos, embora não no mesmo sentido belo, serve a um propósito único, não apenas no Novo

Testamento, como também no *corpus* da história mundial.

No Novo Testamento, descobrimos que outros três autores, juntamente com Lucas, nos contam sobre a vida, a morte e a ressurreição de Cristo. A maior parte do restante do Novo Testamento é composta de cartas escritas a vários grupos de cristãos. A partir delas, inferimos que, no tempo em que foram escritas, as igrejas cristãs multirraciais já haviam se estabelecido com notável rapidez não apenas na Palestina, onde Cristo viveu, mas por todo o mundo Mediterrâneo: na erudita Atenas; na brilhante, mas viciosa Corinto mercantilista; na elegante Éfeso; na primitiva Paflagônia e até mesmo na metrópole do império, a própria Roma.

A pergunta surge imediatamente: como isso tudo começou? Como surgiram essas igrejas? Lucas se propõe a responder a essa pergunta. Ele é quem nos conta como os apóstolos e os missionários cristãos passaram pelo mundo romano e pregaram o evangelho, e multidões, tanto de judeus como de gentios, ouvindo o evangelho, creram, encontraram salvação em Cristo e se constituíram em igrejas cristãs.

Porém, questões mais profundas se sugerem: quais eram os conteúdos desse evangelho? Obviamente, os primeiros cristãos não esperaram ter sua mensagem definida pelos imponentes credos dos séculos posteriores antes de poderem pregá-la. Nem as pessoas tiveram de esperar pelos desenvolvimentos doutrinários posteriores antes de poderem crer e encontrar a salvação por Jesus Cristo. Qual, então, era a mensagem que se provou tão eficaz nos primeiros anos do cristianismo?

Quais eram seus traços essenciais? Quem os definiu e como chegaram a ser definidos? É a essa última pergunta, acima de todas, que Lucas, o historiador, se propõe a responder.

Antes de observarmos como ele faz isso, devemos perceber o quão bem qualificado ele estava para essa tarefa. Em primeiro lugar, ele era um companheiro de viagem do apóstolo Paulo e testemunhou em primeira mão a formação de muitas igrejas e a pregação pela qual elas foram formadas.

Em segundo lugar, durante os dois anos em que Paulo esteve preso em Cesareia, Lucas foi capaz de usar a oportunidade para consultar os contemporâneos de Jesus Cristo e aprender os fatos básicos a partir de testemunhas oculares do ministério de nosso Senhor (assim ele nos diz no prefácio de seu Evangelho). É verdade que o trabalho de Lucas foi ferozmente criticado, mas pesquisas modernas demonstraram que, no que pode ser testado, ele prova ser um historiador confiável e preciso, como vemos no trabalho detalhado e documentado do Dr. Colin Hemer, *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History*.

No entanto, a genialidade de Lucas como historiador é vista, acima de tudo, no fato de que ele não tentou fazer uma crônica de cada detalhe de cada jornada feita e de cada sermão pregado pelos missionários cristãos. Naturalmente, ele estava interessado na expansão geográfica do cristianismo; veja os sumários com os quais ele conclui cada seção principal de sua obra, que, como o ressoar de sinos, proclamam a irresistível difusão da Palavra de Deus e a consequente multiplicação das igrejas cristãs. Porém, quando

examinamos sua seleção de material em cada uma dessas seções principais, podemos ver imediatamente que seu interesse primário repousa em outro lugar.

Tome, por exemplo, a primeira seção (Atos 1:1-6:7). Nela, Lucas descreve como os apóstolos, capacitados pelo Espírito Santo, estavam ocupados proclamando o fato incontrovertível da ressurreição de Jesus e enfatizando aos seus ouvintes sua inescapável implicação: Deus tornou esse Jesus, a quem vocês crucificaram, Senhor e Cristo, e a salvação e o perdão dos pecados são encontrados nele, e somente nele. Porém, então, uma crise ocorreu: o Sinédrio proibiu toda pregação no nome de Jesus.

O Sinédrio era, para o judaísmo normativo, a autoridade religiosa suprema; os apóstolos haviam sido criados no judaísmo, e o cristianismo havia nascido em seu meio. Desobedecer ao Sinédrio e desafiá-lo era um passo muito sério a dar, um passo carregado de todos os tipos de consequências.

Porém, obedecer ao Sinédrio seria impossível sem negar o puro âmago, a vida e a alma do cristianismo. Negar ou manter silêncio sobre a divindade e messiado do Senhor vivo teria sido desobediência a Deus, deslealdade a Cristo e à causa da salvação do homem. Um acordo era impossível. Sem hesitação, os apóstolos desobedeceram ao Sinédrio e o desafiaram; e o cristianismo deu seu primeiro passo para longe do judaísmo oficial.

Assim, com um grande senso de historiador sobre o que era verdadeiramente significativo e importante, Lucas nos mostra os apóstolos de nosso Senhor Jesus definindo, em todo o tempo, qual é a primeira maior

base indispensável do evangelho cristão.

Na segunda seção principal da obra (6:8-9:31), Estêvão, o primeiro mártir cristão, embora tivesse sido criado para honrar o templo judaico, começou a perceber que o sacrifício de Cristo na cruz, sua ressurreição e entrada no céu, carregavam implicações que, conseqüentemente, tornariam o templo obsoleto, juntamente com todo seu elaborado sistema de sacrifícios, rituais e sacerdócio. Por levar adiante essa visão e sustentá-la em discussão pública, sua vida foi levada a julgamento. Mas ele não fez nenhuma tentativa de retratar-se. Para ele, a compreensão cristã da nova forma do homem se aproximar de Deus, inaugurada por Cristo, era tão essencial ao evangelho que um acordo não era possível. Então, Estêvão morreu, e o cristianismo definiu outro elemento em sua mensagem essencial.

Na terceira seção (9:32-12:24), Lucas conta como o antigo conceito judaico de santidade ameaçava impedir que a mensagem cristã pulasse das fronteiras do judaísmo para o mundo gentílico, vastamente maior. Deus, por essa razão, teve de intervir, para ensinar ao apóstolo Pedro o quão diferente o cristianismo seria do judaísmo em que ele havia sido criado. A santidade externa e ritualista, baseada na estrita observância das leis alimentares e abluções religiosas, válida como era nos dias do Antigo Testamento, não era mais apropriada.

Para dizer a verdade, ela agora deveria ser deixada de lado. Desse momento em diante, a santidade seria alcançada por um relacionamento profundo, íntimo e pessoal com o Senhor vivo. A purificação da culpa

do pecado deveria ser transmitida pelo sangue de seu sacrifício substituinte, e o poder para se viver uma vida pura deveria ser suprido pelo Espírito Santo, que habita seu interior, concedido por Cristo a todos aqueles que, em pessoa, depositam nele sua fé.

O mesmo padrão se repete na quarta seção (12:25-16:5). No judaísmo, no qual os primeiros cristãos haviam sido educados, o rito iniciatório da circuncisão, normalmente realizado em bebês poucos dias após o nascimento, era considerado indispensável para tornar-se membro da nação santa e útil, se não necessário, para a salvação. Alguns cristãos inicialmente pensavam que esse rito ainda era necessário para a salvação; mas, em uma reunião dos apóstolos e anciãos chamados a Jerusalém para considerarem a questão, Pedro e Tiago pronunciaram a decisão oficial, impositiva e permanente: o rito religioso da circuncisão era desnecessário para a salvação e não contribuía em nada para ela, não apenas no caso dos gentios, mas para os judeus também. Seria impossível exagerar a importância do passo marcador de época que o cristianismo deu para longe do ritualismo do judaísmo daquele tempo.

Similarmente, na seção cinco (16:6-19:20), quando Paulo e seus companheiros finalmente chegaram à Macedônia e à Grécia, Lucas, por meio de uma criteriosa seleção de incidentes e discursos, mais uma vez nos mostra o cristianismo se definindo contra o segundo plano, agora não do judaísmo, mas do espiritismo, da política, da religião e da filosofia pagãos.

Finalmente, na última e maior seção do livro (19:21-28:31), a atmosfera do registro de Lucas é notavelmente

diferente, pois Paulo é encontrado aqui nem tanto pregando, mas defendendo, o evangelho em tribunais civis e religiosos do império. Porém, o padrão é o mesmo. De fato, enquanto Paulo defende tanto a si mesmo como o evangelho das alegações difamadoras que haviam sido feitas contra ambos, o registro de Lucas torna claro que Paulo e o evangelho não são o que as pessoas ignorantemente imaginavam ser, ou o que as pessoas maliciosamente representavam como sendo. Lucas, desse modo, continua a definir por meio do contraste o que o cristianismo realmente é.

O senso refinado de Lucas sobre o que era o cristianismo essencial pode ser muito esclarecedor para nós que vivemos neste século distante, pois, nos séculos que se seguiram, a cristandade frequentemente permitiu que sua mensagem se tornasse confusa com as políticas civis e filosofias contemporâneas. Para dizer a verdade, em alguns países, costumes pagãos foram inseridos na igreja; e, em nossos próprios dias, a obsessão pelo oculto e a fascinação por várias práticas de hinduísmo ameaçam invadir a igreja e levar a um sincretismo profano. Em países mais ricos, tem sido grande a tentação de se unir a associações de negócios secretos que, em suas cerimônias, adoram as divindades pagãs do mundo antigo; enquanto, nos países mais pobres, tem havido a tentação oposta de unir o evangelho cristão com o marxismo, a fim de produzir uma teologia da libertação de caráter político.

Assim, Lucas originalmente dedicou seu trabalho a um certo Teófilo na esperança de convencê-lo da verdadeira natureza e credibilidade da fé cristã. Enquanto estudamos os detalhes do registro de Lucas, e o cristianismo se mostra em toda sua clareza e

pureza, seria a expectativa de Lucas poder fazer por nós o mesmo que fez por Teófilo.

A DEFINIÇÃO DO CRISTIANISMO

O famoso filósofo e estadista indiano Mahatma Gandhi foi uma vez questionado por que ele não havia se juntado à igreja cristã. Ele respondeu: “Qual?”

Inegavelmente, de um ponto de vista mundial, a cristandade moderna apresenta um quadro muito confuso. Este é um dos motivos: no curso da história muitos acréscimos supersticiosos acerca do cristianismo se juntaram, como cracas no casco de um navio. Muitas vezes, é difícil distinguir a mensagem original que constitui o núcleo permanente do cristianismo. *A Definição do Cristianismo* é projetada para ajudar o leitor a compreender os fatos históricos no centro do Evangelho cristão.

Estão incluídos neste volume:

- A falha fatal do mundo
- Magia e o Evangelho
- Cristo entre os filósofos

ENCONTROS MYRTLEFIELD

Encontros Myrtlefield são estudos complementares da literatura bíblica, ensinamento Cristão e apologética. Os livros desta série engajam as mentes dos crentes e cépticos. Eles mostram como Deus tem falado na Bíblia para abordar as realidades da vida e suas questões, seus problemas, sua beleza e seu potencial.



David W. Gooding é Professor Emérito do Velho Testamento Grego na Universidade de Queens, Belfast e um membro da Academia Real Irlandesa.



John C. Lennox, Professor de Matemática na Universidade de Oxford, é um orador de renome internacional na interface da ciência, filosofia e religião.

myrtlefieldhouse.com
editoraverdade.com.br

ISBN 978-85-64006-20-1



9 788564 006201



 A Verdade

